

OS BATUQUES NA MEMÓRIA SOCIAL: IDENTIDADES E RESISTÊNCIAS NAS ENCRUZILHADAS

UILAMES LAZARO DA SILVA¹; JACKSON PEREIRA CARDOSO²; CLAUDIR BELINI³; SUSANA MOLON⁴

¹ Universidade Federal do Rio Grande – willsampler@yahoo.com.br

² Universidade Federal do Rio Grande – jacksonpc_rg@hotmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande – claudirbelini@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande – susanamolon@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

A encruzilhada possui uma simbologia importante para as religiões de matriz africana, pois nas encruzadas ou cruzamento de ruas são feitas as oferendas ou Ebós a Exu, divindade ancestral cultuada na África pelos iorubás, uma espécie de mensageiro, intermediário e transportador que faz a ponte entre as pessoas e os orixás. Em retribuição às oferendas, os orixás protegem, ajudam e concebem identidade aos seus descendentes humanos. As oferendas possuem uma função social, reafirmando laços de lealdade, solidariedade e retribuição entre os devotos e os seus orixás.

Longe dos olhares e influência da mentalidade judaico-cristã, Exu não é bom nem é mau, tampouco possui códigos morais restritivos e prescritivos. Possui um caráter transformador, inovador e contestador. É o princípio do movimento, rompendo limites, contrariando regras e normas sociais, e quebrando tradições (PRANDI, 2001). Mantém sua áurea controversa, já que é também o guardião das continuidades.

Em terras brasileiras, Exu ganhou ares sincréticos, onde Olorum assume o papel de Supremo Deus, Oxalá, o Deus Filho, os orixás ocupam o papel dos santos e Exu torna-se o Senhor do mal, a encarnação de Satanás (PRANDI, 2001). Nesta perspectiva, as religiões de matriz africana praticadas no Brasil pelos africanos e seus descendentes estava situada em mais uma encruzilhada, ao terem que reconfigurar a identidade de seus deuses na tentativa de manutenção de suas tradições. Era necessário mudar para preservar.

Para Stuart Hall (2006) a mudança é uma parte constitutiva da cultura, sobretudo na modernidade tardia, onde a condição de permanência, certeza e continuidade são constantemente postas em xeque, desconstruindo a ideia de uma identidade fixa e estável. Segundo o autor, a marca da modernidade é uma identidade descentralizada, aberta, contraditória, inacabada e fragmentada. Em meio a tanta fluidez e sincretismos, o tradicional Candomblé Nagô representou a tentativa de uma busca e preservação de uma pureza africana, de um Candomblé “puro”. O que talvez fosse uma busca inglória, porque muitos cultos praticados no próprio continente africano sofreram a influência de culturas diversas.

A primeira casa de umbanda no Rio Grande do Sul foi fundada na cidade do Rio Grande, em 1926. Chamava-se Reino de São Jorge e foi fundada pelo ferroviário Otacílio Charão. A Umbanda foi gerada, por assim dizer, na encruzilhada, no entrecruzamento de culturas e por isso foi alvo de oposição do espiritismo, que desqualificava suas práticas mediúnicas, e do Batuque, que não aceitava que seus orixás fossem invocados sem suas normas rituais (ISAIA, 1997).

Atualmente, cerca de 80% dos terreiros localizados no estado do Rio Grande do Sul praticam a Linha Cruzada, iniciada na década de 1960, que agrupa os Orixás do Batuque, os Caboclos e preto-velhos da Umbanda, mais os Exus e Pombagiras da Macumba/Quimbanda (CORREA, 1998). A disseminação da Linha

Cruzada tem gerado muitos conflitos intergeracionais, por parte dos mais velhos que consideram uma deturpação e uma violação dos fundamentos da religião. O movimento e deslocamento produzidos na cultura gera tentativas consistentes de resistência e um reforçamento de outros laços culturais (HALL, 2006).

O objetivo deste trabalho é analisar como a memória social das lutas de resistências dos cultos afros na cidade do Rio Grande corroboraram para a construção, manutenção e difusão destes cultos, entendendo quais elementos identitários foram preservados ou resignificados nestes entrecruzamentos memoriais e temporais.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior que pretende registrar as memórias e vozes de pais e mães-de-santo, tendo como critério de inclusão estar na faixa etária dos 60 aos 90 anos e atuantes na cidade do Rio Grande/RS. Para este trabalho, realizou-se uma entrevista semi-estruturada com Pai Paulinho de Xangô, com duração de uma hora. Este líder religioso atendeu o critério de inclusão. No que tange a análise dos dados optou-se pela Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI). O participante foi informado sobre os objetivos da pesquisa e logo após assinou o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Empregou-se, para o aporte teórico, a bibliografia indicada na disciplina de Psicologia Social do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), sobre as discussões acerca das temáticas da identidade e memória social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Memória e esquecimento são faces dialéticas de uma mesma moeda. As lembranças possuem espaços de sombra, silêncios e não-ditos (POLLAK, 1989). As lembranças são o combustível do esquecimento e vice-versa. O esquecimento é uma forma de memória escondida (FREUD, 1996). As lembranças têm um caráter peculiar, sofrem a influência das mudanças de valores, percepções e linguagens, bem como dos acontecimentos ocorridos. As memórias, apesar de representarem fatos passados, são filtradas por um presente sempre em mutação. O presente, por sua vez, não passa incólume pelas lembranças do passado (LOWENTHAL, 1985). A memória é um espaço onde identidades individuais e sociais são construídas, solidificadas e preservadas (SÁ, 2008). A lembrança sempre atende um chamado do presente (BERGSON, 1959).

O cenário atual para as religiões de matriz africana é perturbador. O Brasil vive um período de crescentes retrocessos, intolerância e desrespeito, onde Terreiros sofrem invasões, depredações e incêndios criminosos, seus líderes religiosos e demais membros sofrem sucessivos ataques xenofóbicos públicos e virtuais e o próprio Poder Judiciário Federal tenta reduzir as religiões de matriz africana à condição de culto com a justificativa de que elas não possuem um texto sagrado como fundamento, não terem uma divindade suprema nem possuírem uma estrutura hierárquica (DOSSIÊ INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, 2017).

Os primeiros terreiros de Batuque no Rio Grande do Sul ocorreram nas cidades do Rio Grande e Pelotas no começo do século XIX, entre os anos 1833-1859 (CORREA, 1998). Há vários registros de perseguição ao culto, associados ao crime e ao perigo (MELLO, 1995). Pai Paulinho, 60 anos, líder espiritual do Terreiro de Umbanda e Afro Xangô e Oxum lembrou o tempo em que os policiais invadiam os terreiros de Umbanda e Batuque em Rio Grande, durante os rituais, também sempre associados a criminalidade. Apesar de apontar avanços, ele

sinaliza que o preconceito se mantém de forma mais camuflada e “maquiada”. Para exemplificar, ele mencionou que seu terreiro é frequentado por muitos membros da ‘alta sociedade’ do Rio Grande. Mas estes fazem as visitas nas madrugadas para não serem vistos e associados a trabalhos praticados pela religião ou serem chamados de ‘macumbeiros’. A perseguição movida pelas religiões evangélicas prossegue na cidade do Rio Grande bem como as críticas aos seus rituais, como o uso de sacrifícios animais. Pai Paulinho revela que as nações africanas da cidade têm se instrumentalizado no combate ao racismo e preconceito com mais conhecimentos sobre a cultura africana e utilização do suporte legal em casos de tentativas de racismo.

Acessar as memórias de Pai Paulinho significa muito mais que um depoimento pessoal sobre a história das resistências identitárias das religiões de matriz africana na cidade do Rio Grande. Sua voz ecoa outras vozes que parecem descontentes com os movimentos internos, sincréticos e entrecruzamentos que se processam nestas religiões. Embora afirme que a sua religião tem um caráter híbrido, misturando influências africanas e indígenas, e que seu templo possui várias imagens sincretizadas dos orixás, devidamente atenuados pela cosmovisão judaico-cristã, Pai Paulinho se posiciona contra misturar várias linhas em único terreiro, disse: *“Englobamos de uma certa maneira, mas na prática são diferentes, cada um tem seu rito, sua maneira de trabalho, sua linha”*. Desse modo, a memória possui um caráter coletivo, necessitando de uma comunidade afetiva construída a partir das relações socialmente tecidas. As lembranças carregam uma pluralidade de percepções que extrapolam os limites do individual. Elas trazem as marcas erigidas pelo tempo e pelas interações que foram constituídas em seu processo (HALBWACHS, 2013).

Pai Paulinho acentuou a importância da manutenção e preservação das raízes. Neste momento da conversa, Pai Paulinho mencionou algo muito simbólico desta necessidade ao mencionar o preparo do acarajé, uma comida ritualística oferecida aos orixás Iansã, Xangô e Oia, cujo preparo tradicionalmente é feito ralando o feijão fradinho em duas pedras, ialó e omoló, por filhos de Iansã, que já tenham suas cabeças prontas/feitas. Na atualidade, segundo Pai Paulinho, vários terreiros têm substituído as pedras por processadores elétricos. Ele considera isto uma distorção. Pai Paulinho é um homem em luta pela preservação das tradições de sua família religiosa em meio a forças externas que parecem fora de seu controle, segundo ele *“As raízes são a base de uma casa fortalecida”*. Sua posição de resistência pode ser observada por meio dessa ideia, muito recorrente em suas falas ao longo da entrevista.

A cozinha tem uma importância primordial na religião, é da cozinha que emana todo o axé. Alvarenga (2016) identifica esse espaço como o responsável pela produção de identidade e circulação de ensinamentos. Pai Paulinho afirma que *“O bom batuqueiro precisa saber cozinhar. A cozinha é a base da casa. A força do orixá está dentro da cozinha”*. Ademais é na cozinha, através da oralidade, que a maioria dos segredos e mistérios são passados aos filhos, para ele é *“na cozinha que se encontra a força dos orixás”*.

Pai Paulinho é um guardião de segredos ritualísticos ancestrais. Ele pretende passar adiante no momento certo e para a pessoa indicada pelos orixás. Mas ele diz que esta não é uma prática comum. De acordo com ele, 90% dos segredos morrerão com os seus líderes, que ainda apresentam muita resistência a passar os conhecimentos adiante. Pai Paulinho ressalta que o maior valor que legará para os seus filhos de santo é a crença no ser humano, na justiça e no amor.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho está possibilitando aos autores o conhecimento e entendimento de uma parte importante e negra da história da cidade do Rio Grande que sobrevive nas memórias das mães e pais de santos que foram pioneiros em solidificar os cultos afros no município, enfrentando preconceitos, racismo e práticas xenofóbicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, M. J. **Candomblé se aprende na cozinha: conhecimento, alimentação e a cozinha dos terreiros de candomblé**. In 30º Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, João Pessoa. Religiões afro-brasileiras: dos quadros sinóticos às matrizes transformacionais.

BERGSON, H. **Matière et mémoire**. Oeuvres, Paris: Puf, 1959.

CORREA, N. F. **Os Vivos, os Mortos e os Deuses. Um estudo antropológico sobre o Batuque no Rio Grande do Sul** 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Curso de Pós Graduação em Antropologia Social Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DOSSIÊ INTOLERÂNCIA RELIGIOSA. **Mapa da Intolerância religiosa**. Acessado em 08 out. 2017. Online. Disponível em: <http://intoleranciareligiosadossie.blogspot.com.br>

FREUD, S. **O mecanismo psíquico do esquecimento**. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, V. 3, p. 249-284, 1996.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ISAIA, A. C. Os Primórdios da Umbanda no Rio Grande do Sul. **Teocomunicação**, vol. 27, n, 117, p. 381-394, 1997.

LOWENTHAL, D. **O passado é um país estrangeiro**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MELLO, M. A. L. de. **Reviras, Batuques e Carnavais**. A Cultura de Resistência dos Escravos em Pelotas. Pelotas, UFPel, Editora Universitária, 1994.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3 - 15, 1989.

PRANDI, R. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista Usp**, São Paulo, v.50, p. 46-63, 2001.

SÁ, A. F. A. História, cultura e memória: a proposta do grupo de pesquisa História Popular do Nordeste. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v.2, n. 2, p. 9 – 23, 2008.